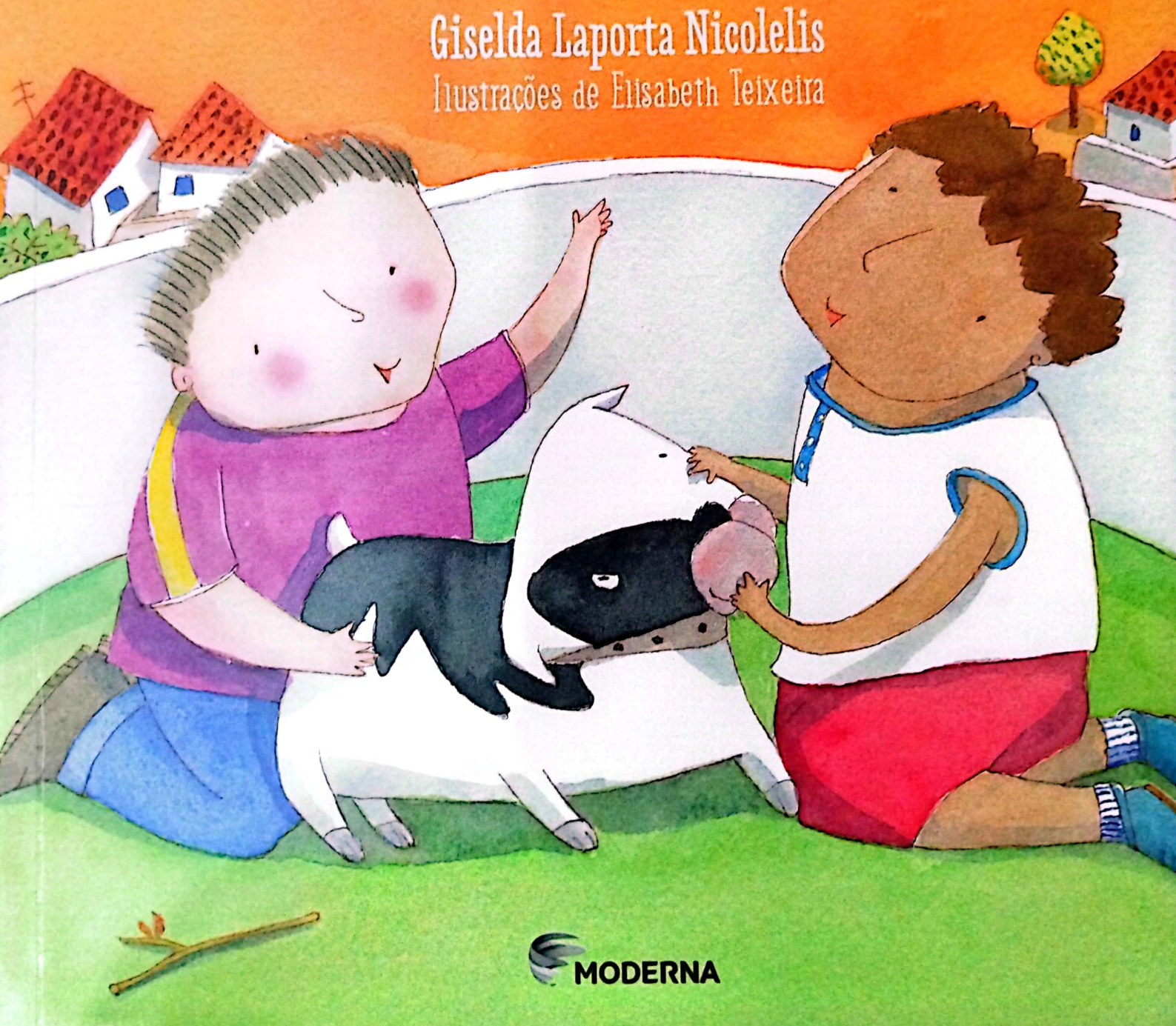
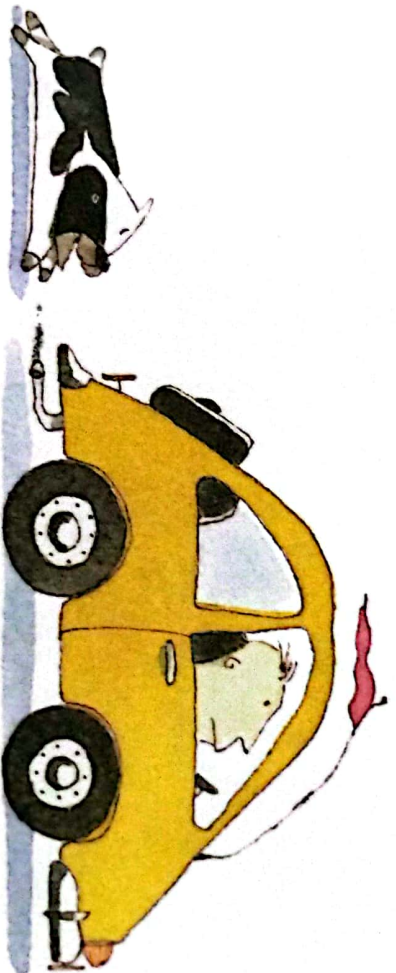
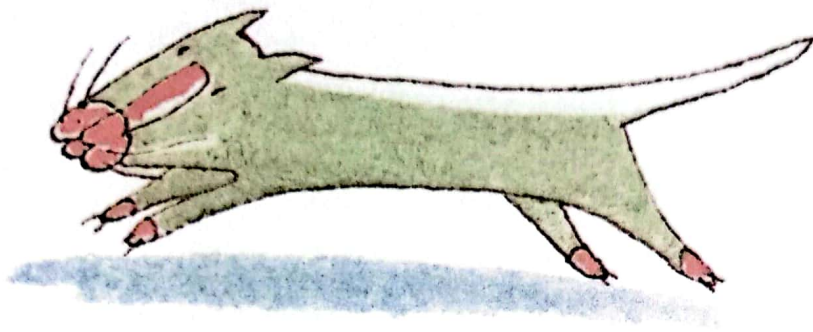
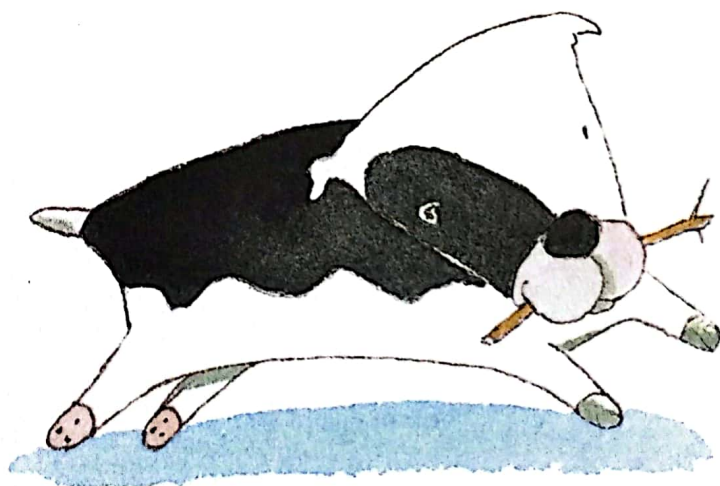
UM DONO
PARA
BUSCAPÉ
Giselda Laporta Nicolelis
Ilustrações de Elisabeth Teixeira
MODERNA

Para todas as pessoas com deficiência visual para que consigam a "luz dos seus olhos".

Sumário

1. Buscapé

Logo no primeiro dia de aula, a fila pronta no pátio da escola, a professora do primeiro ano estranhou:

— De quem é esse cachorro?

— É meu, professora.

— Qual é seu nome?

— Marcelo.

— Marcelo, mande seu cachorro embora.

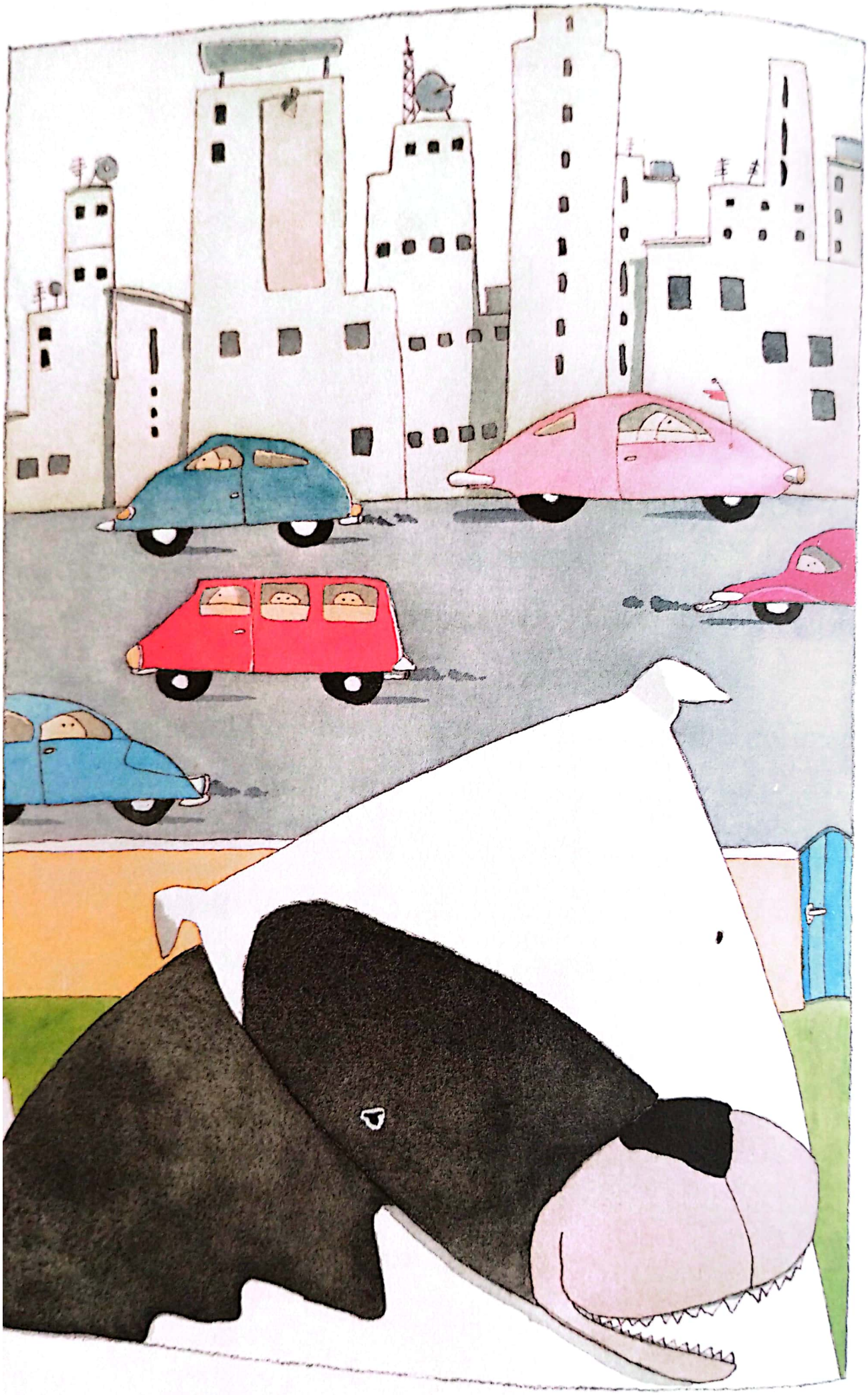
— Já mandei. Mas o Buscapé não sai de perto de mim.

— Ele não pode ficar. Leve o Buscapé para fora.

Marcelo levou o cachorro para fora da escola. Não adiantou nada. Buscapé veio atrás dele e sentou-se ao lado do menino.

— Está vendo, professora? Ele não fica longe de mim.

Nesse instante tocou o sinal para as crianças entrarem. E, para não encompridar o assunto, dona Cila resolveu:

— Ele fica no pátio.

— Por favor, Buscapé — pediu o menino —, fique quietinho até terminar a aula. E não faça estripulias.

A fila andou, e Buscapé, abanando o rabo, foi seguindo Marcelo. Aí a professora achou que já era demais e barrou o cachorro.

Buscapé latiu, querendo atrair a atenção do dono, porém Marcelo já estava subindo a escada junto com as outras crianças.

O cachorro ficou aguardando uma oportunidade. Quando a outra fila entrou pela porta, ele passou rápido por entre os alunos.

Subiu a escadaria e começou a procurar Marcelo. As portas das classes estavam abertas. Num instante, ele localizou o dono e foi sentar-se embaixo da carteira dele.

— Que é isso? Esse cachorro novamente? — Cila irritou-se. — Eu não vou admitir isso.

— Ele não incomoda, não, professora — justificou o menino. — Fica quietinho embaixo da carteira.

A professora nem quis ouvir.

— Leve o Buscapé para o pátio ou você vai para a diretoria.

Marcelo levantou-se da carteira, chamou Buscapé e levou-o para baixo. No pátio, ele distraiu o cachorro e entrou, fechando a porta. Correu escada acima, enquanto ouvia os latidos do amigo, que arranhava a porta, desconsolado.

— Sente-se, menino, você está atrasando a aula — falou Cila. —Amanhã não quero saber do seu cachorro aqui.

Mas todos os dias, o ano inteiro, a história se repetiu. Não houve o que segurasse o Buscapé em casa. Marcelo saía, ele ia atrás. Ficava ao lado da fila até os alunos entrarem. Agora, porém, permanecia no pátio à espera do dono.

Buscapé era um vira-lata branco malhado de preto, com um pequeno rabo que abanava furiosamente quando enxergava Marcelo. Na hora do recreio, sempre sobrava alguma coisa para ele do lanche das crianças.

Buscapé veio ainda filhote para a casa de Marcelo. Na vizinhança, uma cadela deu cria, e o menino pediu:

— Deixa eu pegar um filhote, mãe, deixa?

Tanto insistiu que a mãe concordou. Isso há cinco anos. Agora, o menino tinha doze anos e estava no sétimo ano. Deu o nome de "Buscapé" para o cachorro porque ele corria como um desesperado atrás dos carros que passavam, parecendo um foguete.

Um dia, Marta, a mãe de Marcelo, pediu:

— Sente aqui, meu filho, quero falar com você.

— Se é por causa da Matemática, eu vou melhorar. No mês que vem trago notas mais altas.

— Não é isso, não. Seu pai e eu resolvemos mudar para um apartamento.

— Apartamento, mãe? Para quê? Esta casa é tão boa, tem um quintalão.

— Por isso mesmo. Ando cansada. Melhor apartamento.

— Paciência, né? É só isso que a senhora queria falar comigo?

— É que tem um probleminha: nesse prédio não aceitam animais, principalmente cachorros.

— O Buscapé é diferente. Ele vai comigo até na escola.

— Nem o Buscapé — continuou a mãe. — Em último caso, vamos ter de doá-lo.

— Doá-lo? — O menino deu um pulo do sofá. Saiu gritando:

— Buscapé, Buscapé!

O vira-lata apareceu alegre como sempre, abanando o rabo.

— Eles querem te tirar de mim, Buscapé — soluçou o menino, abraçando o cachorro. — Eu prometo que não vou deixar.

Nessa noite, Marcelo nem dormiu direito, imaginando um jeito de salvar Buscapé. Mudar a ideia de os pais morarem em apartamento, ele sabia que não podia. Mas devia haver um modo de manter contato com o amigo; ainda que se separasse dele.

Era isso. Ele precisava, com urgência, arranjar um novo dono para Buscapé.

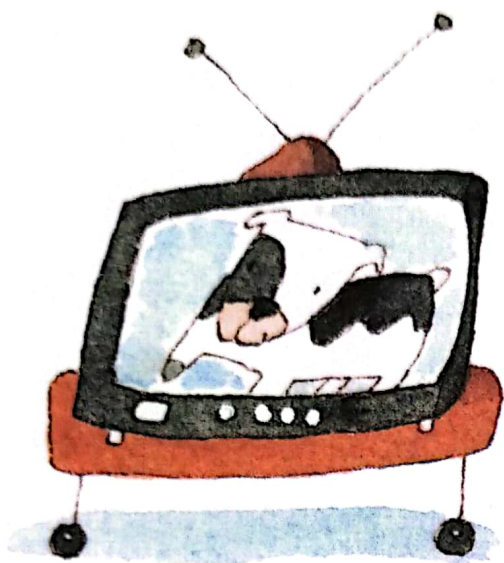
No dia seguinte falou com Luís, seu pai, sobre isso.

— Não sei, não, meu filho. Ainda se fosse um cachorro de raça... Ninguém vai querer um vira-lata.

— Garanto que algum colega da escola cuida dele para mim — afirmou o menino.

— Não tenha tanta certeza — interrompeu Marta. — O colega pode querer, mas os pais dele não.

— Assim como vocês. Ninguém, aqui, lembrou do Buscapé na hora de comprar apartamento.

— Sua mãe está muito cansada. Devemos pensar nela primeiro, não acha? Daqui a um mês mudamos para o apartamento. Até lá você tem de arrumar um dono para o Buscapé.

2. Procura-se um dono

Naquele dia mesmo, Marcelo começou a procurar um dono para Buscapé. Começou pelos colegas de classe.

— Oi, Paulo! Você sempre gostou do Buscapé, quer ele para você?

— Para mim? Está brincando?

— Não estou, não. Eu vou morar num prédio onde não se aceita cachorro. Você quer?

— Querer, eu quero, mas...

— Então o Buscapé é seu, se prometer cuidar bem dele.

— Espere aí, Marcelo, preciso pedir para o meu pai. Sabe, ele não gosta muito de bicho...

— Se ele não gosta de bicho, eu não dou. Ele vai maltratar o Buscapé.

— Também não é desse jeito.

— Eu acho outro dono.

E foi assim.

Vários colegas também moravam em apartamento, o que dificultava a coisa. Outros, a mãe tinha alergia a pelo de cachorro. Alguns já tinham cachorros ou gatos. Outros não tinham quintal. Ou tinham quintal plantado que o Buscapé poderia estragar.

— Puxa vida, eles pareciam gostar tanto de você — desabafou o menino, agradando o cachorro. — Mas na hora de querer, ninguém quer.

— Por que você está chorando, Marcelo? — Fátima, a professora de Língua Portuguesa, estranhou. — Você é sempre tão contente... Que aconteceu?

— Eles querem dar o Buscapé, Fátima.

— Eles quem? Ele não é vacinado?

— Não é isso, não. Nós vamos morar em apartamento. Meu pai deu o prazo de um mês para eu achar um novo dono para o Buscapé. Senão, será doado.

— Ah, que dó! — A professora sentou-se no degrau, ao lado do menino. — Precisamos dar um jeito nisso.

— É um vira-lata, por isso ninguém quer ele — desabafou o garoto. — Se fosse um cachorro de raça, era mais fácil.

— Nós vamos dar um jeito — repetiu a professora. — Eu mesma ficaria com ele se pudesse, mas no prédio onde moro também não permitem cachorros.

— Mundo gozado, esse... Dizem que o cachorro é o melhor amigo do homem e tem uma porção de lugares onde não querem cachorros.

A professora não soube o que responder.

— Alguém nesta cidade há de querer o Buscapé — insistiu o menino.

— Claro, Marcelo. Espere aí, tive uma ideia.

— Qual, Fátima?

— Na tevê tal há um programa de muita audiência que aborda temas variados, mexe com a sensibilidade dos telespectadores. Quem sabe você não resolve seu problema?

— Puxa, que ideia genial! Vamos nessa. — Marcelo deu um beijo na professora. — Ouviu, Buscapé? Você tem chance de arrumar um novo dono.

— Espere aí que eu vou buscar meu carro — disse Fátima. — A gente não deve perder tempo.

— Posso levar o Buscapé?

— Pode. É até melhor.

— Ei, menino, aonde pensa que vai? — O segurança da tevê barrou a entrada de Marcelo.

— Nós vamos falar com a produção.

— O cachorro não entra.

— Mas é sobre ele mesmo que a gente veio pedir a reportagem...

— Ele está perdido?

— Não; eu sou o dono dele.

— Então para que a reportagem?

— É uma história meio complicada — interveio Fátima. — Queremos achar outro dono para ele.

— A senhora é a mãe do menino?

— Professora.

— A senhora tem de pegar um crachá na portaria. O menino também. O cachorro não entra — repetiu.

— Como é que vai ser? — gemeu Marcelo. — O Buscapé não me larga.

— O jeito é você me aguardar aqui enquanto eu falo com os jornalistas — disse Fátima.

Marcelo, sem opção, concordou. Sentou-se num canto do vestíbulo, e, com Buscapé deitado a seus pés, ficou observando o burburinho de gente entrando e saindo...

Meia hora depois, Fátima voltou acompanhada de um casal. A moça aproximou-se, curiosa:

— Então este é o Buscapé?

— É ele sim — afirmou o garoto.

O cachorro, muito à vontade, nem se mexeu.

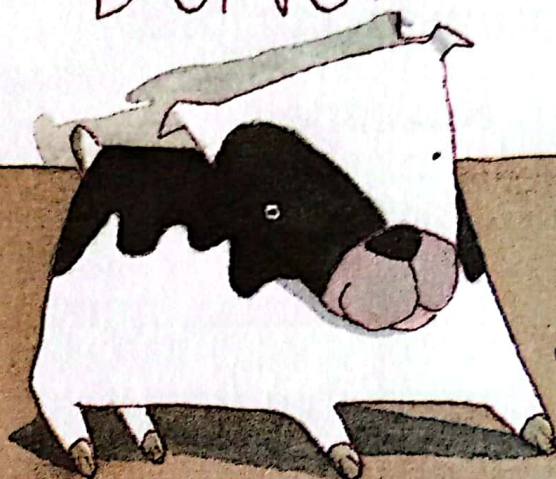
— Eu sou Lúcia, uma das jornalistas do programa, e este é o Nei, o cinegrafista. Acho que podemos fazer uma reportagem legal sobre vocês dois...

— A gente vai filmar na escola para dar aquele clima — completou Nei. — Tudo bem para você, Marcelo?

— Para mim está ótimo — exultou o garoto.

No dia seguinte, quando ligou a tevê em seu programa favorito, Luís, pai de Marcelo, deu um pulo na poltrona:

— Marta, corra aqui!

VIRA-LATA
AMIGO
PROCURA
DONO!

— Que aconteceu? — A mãe surgiu, preocupada.

— Esse moleque! Olhe só o que ele aprontou.

Lá estava Marcelo sendo entrevistado por Lúcia, no pátio da escola, enquanto Buscapé posava alegremente ao lado de dezenas de crianças que seguravam um grande cartaz, onde se lia em letras garrafais:

"VIRA-LATA AMIGO PROCURA DONO!"

— O que os meus amigos vão pensar? — bufou o pai. — Se eu pego esse moleque...

— Você não o autorizou a procurar um novo dono para o Buscapé? — conciliou a mãe. — Ele está procurando...

Havia um leve tom de ironia na voz de Marta, ou era impressão dele?

— Eu lá ia imaginar que ele faria todo esse estardalhaço? Deu até nosso telefone. Prepare-se para a chateação!

— É o mínimo que se pode fazer, Luís. Estou até com remorso de ter falado sobre o apartamento. Eu não imaginava que ele gostasse tanto assim do Buscapé.

— Eu é que vou aturar a gozação no trabalho.

— Você se importa muito com os outros. Pensem o que quiserem, ora.

— Você, sempre defendendo o Marcelo. Ele não é mais um bebê. Precisa saber que nem tudo o que dá na cabeça pode ser feito.

Marcelo, entrando na sala, ainda pegou o fim da conversa:

— Está bravo comigo, pai?

— Já viu a reportagem na tevê, seu malandro?

— Foi ideia da Fátima, ela até gravou. Ela assiste a esse programa também, por isso que a gente procurou o pessoal da tevê. Ficou legal, não ficou?

— Quem é Fátima?

— É a professora de Língua Portuguesa — apressou-se a dizer Marta. — Ela foi só bem-intencionada.

— Muito bem-intencionada. Só que deveria ter nos consultado antes.

— Por favor, pai, não brigue com a Fátima. Ela é a minha melhor amiga. Nós vamos arranjar um novo dono para o Buscapé, e a mamãe pode mudar e descansar mais.

Luís viu lágrimas nos olhos do menino.

— Está bem, filho, não vou brigar com sua professora. Espero que você consiga arranjar um dono para o Buscapé. Eu também gosto dele, você sabe.

— Pode até ser, pai. É que vocês, adultos, são muito complicados. Às vezes gostam de um jeito engraçado.

— Adultos têm problemas diferentes das crianças. Por isso fica sempre mais difícil resolver as coisas — rebateu Luís.

— Mas, mesmo que eu fosse adulto, nunca iria morar num apartamento se meu filho não pudesse levar o cachorro dele.

— A gente muda de opinião, filho.

— Eu não vou mudar, não.

— Está bem. Por agora você atende aos telefonemas, se é que eles virão.

— Vai ter um monte de telefonemas, pai. A senhora ajuda, mãe?

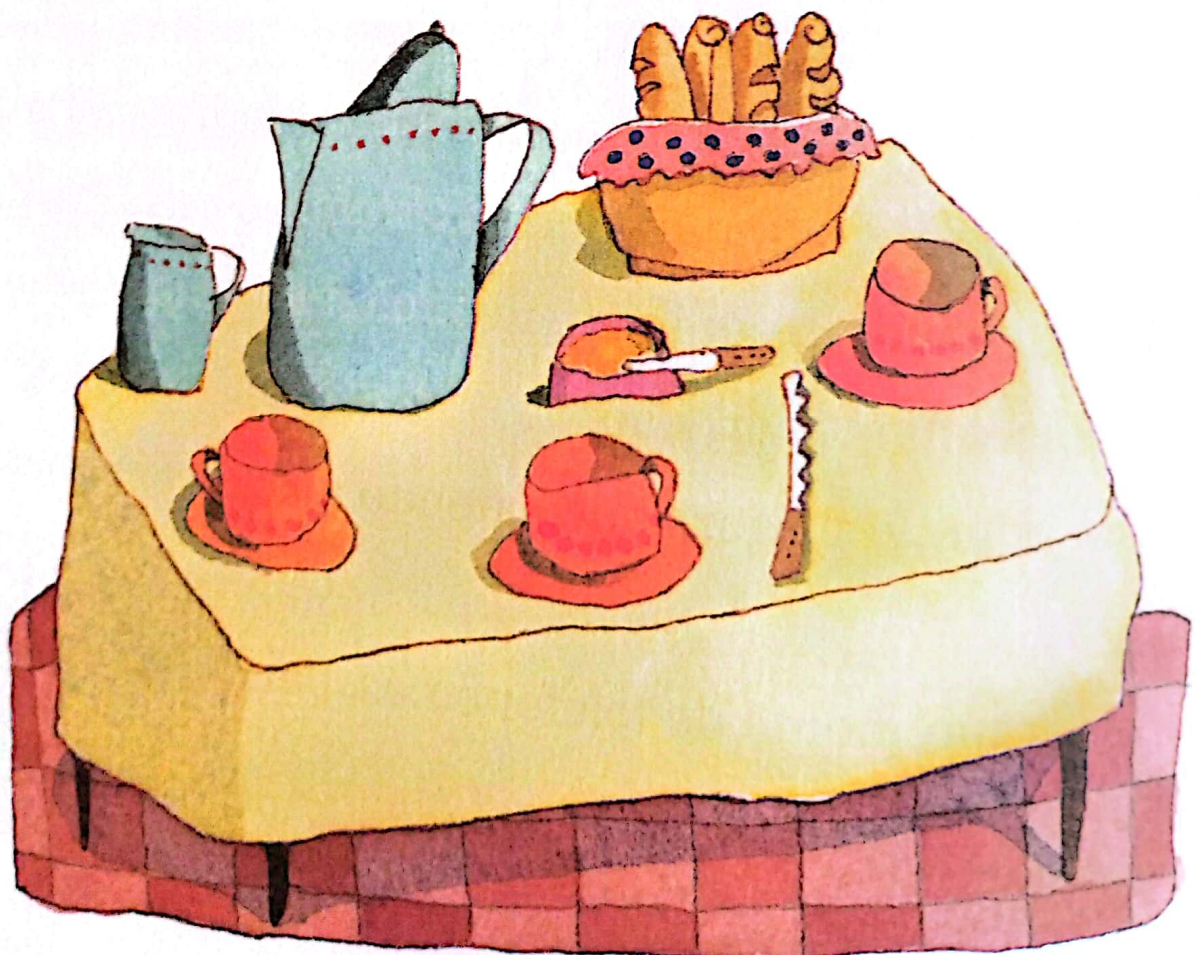
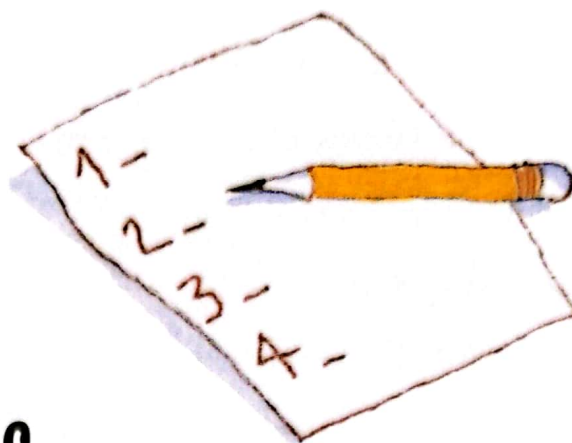
— Ajudar em quê?

— Nós precisamos escolher com muito cuidado o novo dono para o Buscapé. Tem de gostar muito de bicho e prometer cuidar bem dele.

— Ajudo sim, Marcelo.

— Muito bem, lá vou eu — Luís pegou a pasta e as chaves do carro.

— Será que nenhum colega do seu escritório quer o Buscapé? —arriscou o menino. — Eles já devem ter visto a reportagem na tevê.

— Venha tomar café, senão você perde a hora, Marcelo — chamou a mãe, antes que a coisa se complicasse.

3. Os candidatos

Quando Marcelo voltou da escola, na hora do almoço, havia vários recados para ele.

— Anotei os telefonemas — disse Marta. — Melhor você ligar logo para os interessados.

O primeiro recado era de um tal Carlos, dono de circo. Ele se ofereceu para transformar Buscapé num artista, trabalhando ao lado de outros cachorros amestrados.

— Como é que o senhor ensina seus cachorros? — quis saber Marcelo, curioso.

— Não sou eu que ensino, é o amestrador de cães.

— E como ele ensina?

— De várias formas. Com torrões de açúcar, com palavras e também...

— ... e também?

— Às vezes, sabe como é, o animal não aprende de preguiça e precisa levar umas chicotadas, só de leve, para entender quem é que manda.

— Ah! Sei — disse Marcelo. — Umas chicotadas só de leve.

— Bem de leve — garantiu o dono do circo. — Eu estou sendo sincero com você, menino.

— Obrigado, seu Carlos, mas não vou dar o Buscapé para o senhor, não. Ele nunca apanhou na vida, e também acho que ele não está interessado em trabalhar em circo. Ele sempre foi livre, sabe, ia precisar de muita chicotada até aprender.

— Pense bem, menino.

— Já pensei, seu Carlos. Muito obrigado, mas eu não dou o Buscapé para o circo, de jeito nenhum.

— Nada feito? — perguntou a mãe.

— Nada feito. Vamos ver se, com o próximo, tenho mais sorte.

O outro interessado era um tal Filipe, que possuía uma porção de cães de caça. Ele se dispunha a ensinar o Buscapé a ser um bom caçador, naturalmente dentro das limitações de um vira-lata.

— O que o senhor caça? — quis saber Marcelo, interessado.

— Coelhos, veados, antas, capivaras... — explicou o homem. — Você nem imagina como é divertida uma caçada. É uma arte, sabe? Se seu pai permitir, levo você qualquer dia.

— Ah, obrigado! — replicou o menino. — Talvez seja divertido. Para gente, pelo menos. Para os bichos não deve ser nada divertido, o senhor não acha?

— Você precisa ver os meus cachorros de caça — desconversou o homem. — São formidáveis: farejam longe. E, quando saem atrás da caça, nada os detém. São terríveis!

— E o senhor acha que consegue fazer do Buscapé um cão de caça?

— Razoável, meu filho, razoável... Ele jamais será igual aos meus cães de raça, claro. Mas pode aprender junto com os outros. E terá um dono. Não é isso o que você quer?

— Quero sim, seu Filipe, mas, sinceramente, não sei se o Buscapé dá para ser cão de caça. Ele vive dormindo com o gato da vizinha. Corre apenas atrás dos carros e, assim mesmo, de brincadeira. Ele nunca mordeu ninguém.

— Ah, ele aprende! — garantiu o homem. — Num instante ele aprende.

— Aí é que está, não sei se quero que ele aprenda. Ele é tão amigo de todos... O senhor tem filhos?

O homem riu.

— Não tive tempo, ainda.

— Sabe, seu Filipe — completou Marcelo —, acho que não dá certo, não. O Buscapé é muito folgado, não ia gostar dessa vida de correria atrás de coelhos, antas, capivaras... Ele gosta mesmo é de dormir ao sol.

— Se é assim... — o homem pareceu desapontado. — Qualquer coisa você me telefona novamente, está bem?

— Está difícil — comentou Marcelo para a mãe, ao desligar. — Querem transformar o Buscapé ou em artista de circo ou em caçador. Será que não tem ninguém apenas para gostar dele?

— Você está pedindo o mais difícil — consolou Marta.

— Difícil por quê, mãe?

— Ah, meu filho, é difícil até de explicar...

O terceiro recado era da dona Margarida, cujo cachorro tinha sido atropelado. Ela estava muito triste porque vivia sozinha e tinha perdido o seu único amigo.

— A senhora gosta muito de bichos, não? — perguntou o menino.

— Muito, Marcelo. Você nem imagina. Por isso é que me ofereço para cuidar do Buscapé. Garanto a você que tratarei dele com o maior carinho.

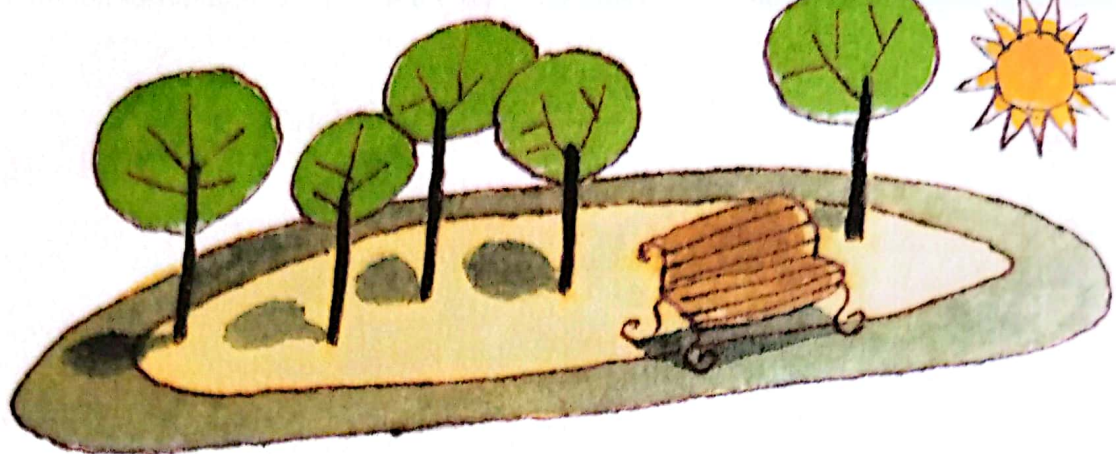
— Onde a senhora mora? — Entusiasmou-se o menino.

— Moro em apartamento.

— Apartamento? Ué! Tem prédio onde não aceitam cachorro.

— Eu sei. Inclusive já tive muitos problemas com os vizinhos por causa disso. Mas chegamos a um acordo e eu pude ficar com o meu cachorro.

— Mas deve ser triste um cachorro viver em apartamento.

— Não é muito bom, mas eu levava o meu todos os dias para passear num jardim aqui perto, e ele então corria e brincava. No apartamento, para não incomodar os vizinhos, ele precisava ficar o mais quieto possível.

— Aí complica — falou o menino, desanimado. — Sabe por que o meu cachorro se chama Buscapé? Ele é barulhento, late muito, acho que ele ia trazer problemas para a senhora.

— Ele aprende a ficar quieto.

— Não vai ser fácil.

— Meu filho, até os animais aprendem quando precisam. Ele vai se acostumar a latir e a correr só na hora em que puder.

— Olhe, dona Margarida, sinceramente, prefiro que o Buscapé continue a ser livre como foi até agora, latindo e correndo quando ele tem vontade. Em todo caso, se não aparecer dono melhor...

— Agradeço sua franqueza. Você sabe meu telefone. Se resolver me dar seu cachorro, fique tranquilo que cuidarei muito bem dele.

— Ah, meu Deus! — suspirou o Marcelo, desligando. — Como está difícil arranjar um dono para o Buscapé!

Nem bem acabou de falar, o telefone tocou. Era um segurança chamado João, que precisava de um cachorro bem barulhento para ajudá-lo na ronda todas as noites. O Buscapé, segundo a notícia da tevê, parecia feito sob encomenda.

— O senhor acha mesmo que pode cuidar do Buscapé? — estranhou o menino. O segurança da rua dele nunca teve cachorro.

— Ele vai ter de mudar de hábitos — riu o homem.

— Como assim?

— Fazer como eu. Dormir de dia e ficar bem acordado à noite.

— Nas noites frias deve ser difícil, hein, seu João?

— É difícil mesmo. Mas que fazer? Cada um no seu ofício. Para que muitos durmam sossegados, alguém tem de ficar acordado.

— O senhor sempre trabalhou com cachorros?

— Sempre. Eles têm ouvidos muito mais finos que os nossos, escutam qualquer barulho, são sempre uma ajuda quando há mais de um ladrão.

— E o outro cachorro que trabalhava com o senhor? — quis saber o menino.

— Ah, o outro... — o homem fez uma pausa. — Quer mesmo saber?

— Lógico que quero.

— Sabe, ele levou um tiro, coitado, quando nós encurralamos uns assaltantes aqui no beco.

— Morreu?

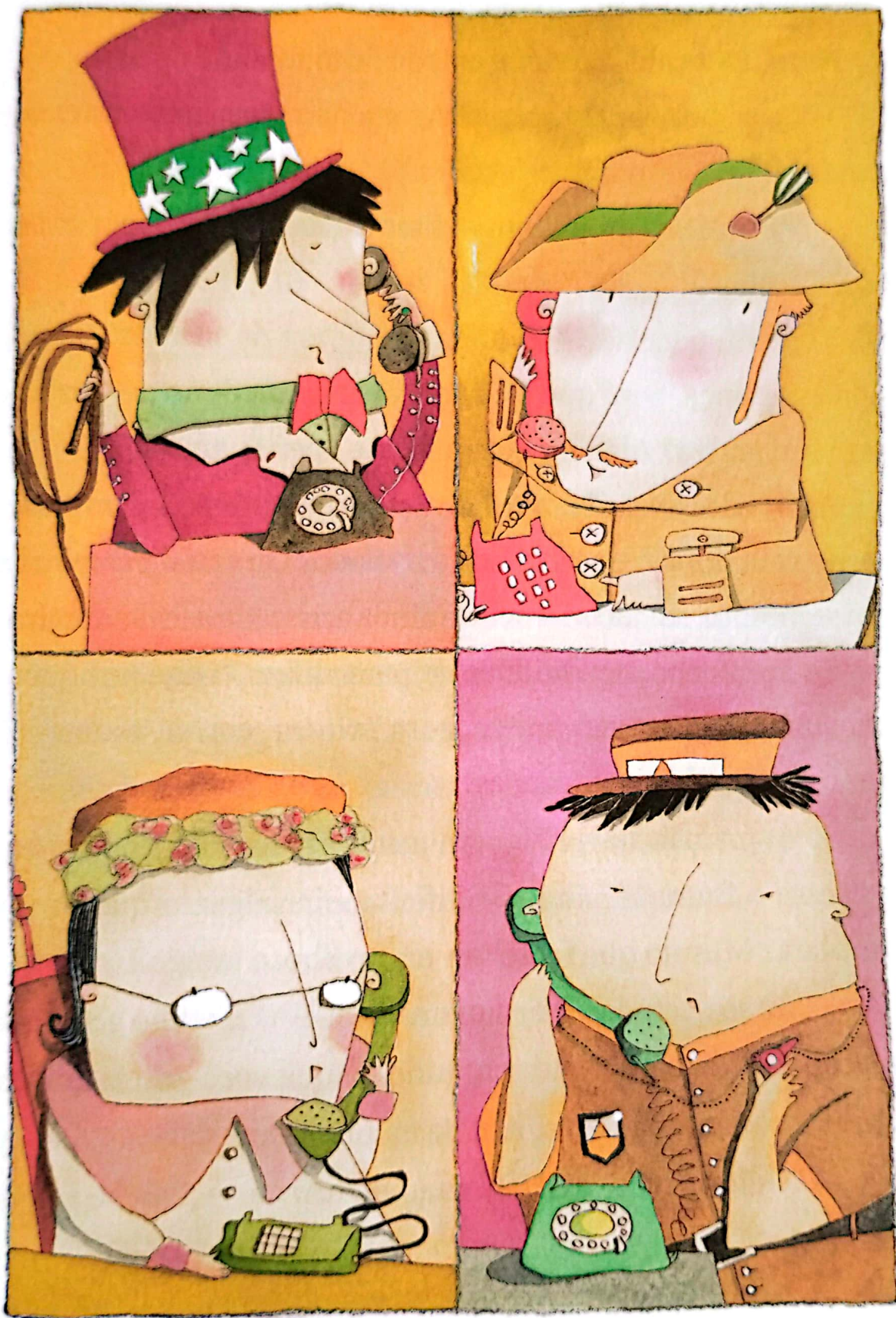
— Mortinho da silva. Ele me salvou a vida. O tiro era para mim.

— Perigosa essa sua profissão, hein, seu João?

— Também acho.

— Olhe, seu João, eu estou justamente querendo dar o Buscapé para ele ser bem cuidado. Agora, se é para ele morrer de tiro, não vejo nenhuma vantagem, não.

— Mas foi só esse cachorro que morreu matado — apressou-se a dizer o guarda-noturno. — Os outros fugiram ou morreram de morte morrida mesmo.

— Não dá mesmo, seu João, agradeço sua boa vontade, mas não dá.

Nesse instante, Buscapé entrou feito foguete na sala.

— Quer brincar, Buscapé? Agora não posso, estou telefonando. É caso importante você sabe.

— Vá brincar, meu filho — disse a mãe. — Qualquer coisa, eu aviso.

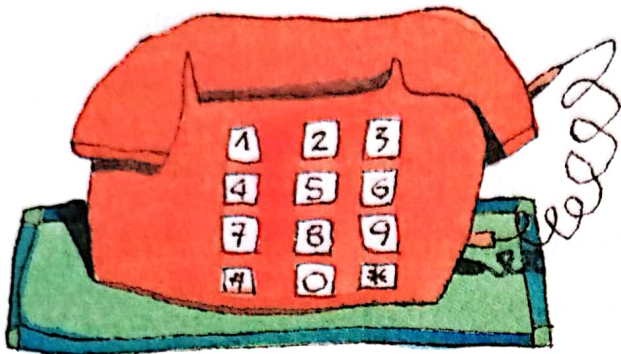
Vontade o garoto não tinha nenhuma de brincar. Estava sem esperança. Será que ele ia encontrar um dono de verdade para seu amigo? Alguém que quisesse apenas amá-lo?

Artista de circo, cão caçador, cão de apartamento, sem poder correr nem brincar e acabando atropelado? Ou então parceiro de um segurança, saindo só à noite e ainda arriscado a levar um tiro?

Se ao menos alguém ligasse para dizer: "Olha, eu quero um amigo, só isso, um amigo, para brincar, correr, tomar sol, gozar a vida...".

Será que não havia alguém numa cidade tão grande que quisesse o Buscapé? Era tão difícil assim alguém querer um vira-lata? Mesmo que fosse um maravilhoso amigo?

— Ah, se eu pudesse ficar com você! — O menino acariciou o pelo do animal. — Aqui tem tudo de que você gosta: quintal grande, sol, grama, terra. Ah! Se eu pudesse...

— Telefone para você! — chamou a mãe. — Parece voz de criança!

4. Esperança

— Criança? — Marcelo saiu correndo para atender ao telefone.

— É o Marcelo?

— Sou, sim. Qual é seu nome? Você quer o Buscapé?

— Espere um pouco. Eu me chamo Vanderlei, mas quem vai falar com você é o Claudinei, o meu irmão.

— Oi, Marcelo!

— Oi, Claudinei! Quantos anos você tem?

— Treze.

— Ah, que bom! Você quer o Buscapé? — Marcelo foi direto.

— Quero — confirmou o menino. — Eu preciso muito de um cachorro. Quando a minha mãe me contou sobre a reportagem na tevê, eu pensei: "Agora eu resolvo tudo".

— Resolve o quê?

— Sabe, eu sou deficiente visual. Preciso de um cão-guia. Mas sou pobre, não posso comprar um cachorro de raça. Será que o Buscapé consegue fazer isso?

— É muito difícil?

— Não é fácil, não. O cão precisa parar antes de atravessar a rua, antes de um buraco, de qualquer coisa perigosa. Andar sempre na minha frente para me avisar. Com ele eu podia sair sozinho, ser livre.

— E se eu treinasse o Buscapé para você? — ofereceu Marcelo, num impulso. — Sabe, ele só obedece a mim, quando obedece. A gente tinha de se encontrar até ele acostumar com você.

— Puxa, ia ser bom! — animou-se Claudinei. — Por que você não vem até a minha casa? Para você é mais fácil.

— Dá seu endereço e telefone — pediu Marcelo.

— Tudo bem. Anote aí.

— Espere um pouco que eu vou pegar papel e caneta.

Endereço anotado, Marcelo despediu-se confiante:

— Tchau, Claudinei, amanhã sem falta eu chego na sua casa... me aguarde.

— Mãe! Mãe! — gritou Marcelo, entusiasmado. — Arranjei um dono para o Buscapé!

— O menino que telefonou?

— Ele se chama Claudinei. É deficiente visual e precisa de um cão-guia.

— Vira-lata? Geralmente cães-guias são de raça e muito bem treinados — estranhou a mãe.

— O Buscapé é inteligente. Eu treinando, ele aprende, mãe — garantiu Marcelo. — Depois, o Claudinei precisa de um amigo para sair de casa, andar pelas ruas. Ninguém vai gostar mais do Buscapé do que ele, não acha?

— Tem razão. Eles podem ser bons amigos.

— É isso que eu queria, mãe. Que o dono do Buscapé fosse muito amigo dele, como eu fui até agora. Puxa, que sorte!

— Mas o Buscapé, tão foguete, será que aprende agora a se comportar? Ele não é mais um filhote.

— E o que tem isso?

— Filhotes aprendem com mais facilidade.

— Ele vai aprender sim, mãe. Amanhã mesmo eu começo o treino. Deixe eu ir na casa do Claudinei, deixe?

— Você já prometeu, não é?

— Prometi, sim.

— Onde ele mora?

— Eu anotei o endereço, olhe aqui.

— É longe, filho, do outro lado da cidade.

— Por favor, mãe, deixe. É a única chance do Buscapé!

— Está bem, se você quer tentar. Mas não se iluda, vai ser muito difícil o Buscapé aprender. É uma responsabilidade muito grande ele guiar o Claudinei numa cidade como essa, com tanto movimento. Veja lá.

— Eu sei, mãe. Não é o que papai sempre diz, que a gente precisa aprender a ser responsável? O Buscapé também, ora!

Fátima era amiga de verdade. No dia seguinte levou Marcelo e Buscapé de carro até a casa de Claudinei, para eles aprenderem o caminho.

— Obrigado, Fátima. Eu vou deixar o Buscapé aqui e venho todos os dias treiná-lo.

— Boa ideia, Marcelo. Não é sempre que eu posso trazer vocês, e vai ser difícil conseguir condução que transporte o Buscapé também.

Tocaram a campainha da casa. Veio atender um garoto mais ou menos da idade de Marcelo.

— Por favor, o Claudinei está?

— Sou eu.

— Eu sou o Marcelo.

— Oi, Marcelo! Você trouxe o Buscapé?

— Trouxe, sim, e a Fátima, minha professora, veio junto.

— Oi, Claudinei! Como vai?

— Muito bem, e a senhora? Vamos entrar?

Na sala, Buscapé se enfiou embaixo da cadeira de Marcelo.

— Se você não tivesse contado, eu nem ia perceber que você não enxerga — disse Marcelo.

— Ah, por aqui ando muito bem! Mas meu sonho é sair por aí, em liberdade. Atravessar avenidas, levar uma vida normal, entende? Mamãe é medrosa. Com o Buscapé, aposto que ela deixa eu ir.

— Você vai à escola? — quis saber Fátima.

— Vou, claro, só que os meus livros são todos em braile. Eu estou no sexto ano.

— Braile? — estranhou Marcelo. — Que é isso?

— É uma escrita especial para ser lida com os dedos — explicou a professora. — Você encontra facilmente os livros em braile, Claudinei?

— Agora já está bem melhor. E o meu irmão também me ajuda porque estamos na mesma classe. Ele é mais novo dois anos, eu estou um pouco atrasado. Nós conseguimos uma licença especial para ficarmos juntos.

— Puxa, ele tem de ser muito honesto, hein? — falou Marcelo. — É difícil aprender braile?

— Um pouco. Mas é o único jeito de eu poder frequentar a escola.

— Muito bem pensado — aplaudiu a professora. — Tenho certeza de que você e o Buscapé serão grandes amigos. Afinal, vocês precisam um do outro.

— Tomara! Vamos treinar ele, Marcelo?

— Mãos à obra. Você espera, Fátima?

— Mamãe saiu um pouco mas volta logo — avisou Claudinei.

— Não se preocupem. Vão treinar e boa sorte.

Distraída, corrigindo provas, a professora nem percebeu a chave girar na fechadura.

— Quem é você? — espantou-se a recém-chegada.

— Você é a mãe do Claudinei?

— Sou, sim. Aconteceu alguma coisa?

— Desculpe se a assustei. Meu nome é Fátima, sou professora do Marcelo, o dono do Buscapé. Viemos a pedido do seu filho.

— Então o menino veio mesmo? Acha que vai dar certo? Meu nome é Helena.

— Sabe, Helena, o Buscapé tem cinco anos e nunca foi ensinado. O ideal para Claudinei seria um cão de raça.

— Eu não quis desapontá-lo — explicou Helena. — Também acho difícil o cachorro aprender assim tão depressa.

— O Claudinei é um garoto simpático. Ele me disse que está no sexto ano.

— É, ele estuda numa escola pública aqui perto. Começou numa classe especial, onde aprendeu o braile. Depois passou para uma classe comum.

— Essas classes especiais ajudam muito os deficientes visuais como o Claudinei — falou Fátima. — Eu mesma gostaria de ter essa experiência como professora. E ele continua usando o braile durante as aulas?

— Ele usa mais o braile para ler, adora qualquer tipo de leitura — explicou Helena. — Mas o mais prático hoje em dia, nas

aulas, é usar um gravador. Depois, se ele quiser, passa para a escrita braile, faz um tipo de apostila.

— E ele acompanha bem a classe? — Fátima estava entusiasmada.

— Se acompanha! Ele é meu orgulho, um dos melhores alunos da escola. Quer entrar até em faculdade.

— Ele quer sair sozinho também...

— É, cismou com isso agora. Ouviu dizer que em outros países são comuns esses cães amestrados guiando deficientes visuais. Seria tão bom se ele tivesse um! Eu ficaria bem mais sossegada quando ele andasse por aí...

— Oi, mãe, desculpe, não sabia que tinha visita.

Entrara na sala, como um furacão, um garoto parecidíssimo com Claudinei. Vinha todo sujo de lama.

— Olhe seu estado, meu filho. Não repare, Fátima, é o futebol.

— Eu sou o Vanderlei — apresentou-se o garoto. — Sou o goleiro do meu time. Ganhamos hoje de cinco a zero. Na minha rede não passou nem vento.

— Parabéns, hein! Eu sou Fátima, professora do Marcelo, o...

— Puxa, ele veio mesmo? — O garoto disparou para o quintal.

— Você tem só dois filhos?

— Tenho outra filha mais velha, que trabalha de dia e estuda à noite.

— O problema do Claudinei é de nascença?

— É sim. O caso dele é incurável. Pelo menos por enquanto.

— Ele parece um garoto sem complexos, isso é bom. Hoje em dia o deficiente não precisa mais ser escravo da sua deficiência. Apesar de o Brasil ainda precisar evoluir muito para que um deficiente aqui tenha uma vida normal.

— Ninguém trata o Claudinei diferente porque ele não enxerga — completou Helena. — Ele tem amigos, é carinhoso com todo mundo, um garoto legal.

— Onde eles estudam?

— Em uma escola aqui perto. Eles vão juntos. Mas o sonho do Claudinei é ir sozinho à escola.

"Tomara que o Buscapé aprenda", pensou Fátima.

— Aceita um cafezinho? — ofereceu Helena.

— Aceito sim, obrigada.

Durante o cafezinho, a conversa continuou entre Fátima e Helena. A professora ficou sabendo das dificuldades da família. O pai de Claudinei, operário da construção civil, ganhava pouco e vivia com medo de ser despedido; a mãe era faxineira.

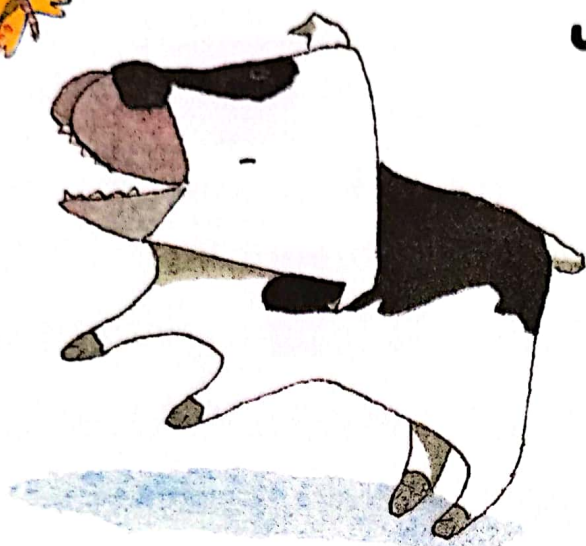
Ter um cachorro de raça treinado como cão-guia parecia um sonho irrealizável.

Mais tarde, na hora da saída, foi aquele rebuliço.

— Segure o Buscapé! — gritou Marcelo para Vanderlei.

— Estou tentando — falou o menino, usando todas as suas forças para conter o cachorro, que esperneava.

— Depressa, Marcelo — pediu Claudinei, abrindo só um pouco o portão para a professora e o menino passarem.

Buscapé ficou latindo e uivando enquanto o dono se afastava.

5. Começa a luta

Todos os dias, agora, Marcelo ia à casa de Claudinei treinar Buscapé. O cachorro acostumara com os dois irmãos, que o tratavam com o maior carinho, e felizmente não fugiu. O problema, porém, era aprender o que lhe era ensinado.

Estavam no melhor da festa... passava um carro. Buscapé disparava, latindo.

— Volte, Buscapé! — gritava Marcelo, desesperado.

Que nada. O cachorro virava a esquina, esquecido da vida. Voltava mesmo quando queria.

Fechavam o portão para ele não escapar. E adiantava? Quando não era um carro, era um gato em cima do muro. Se não era o gato, era um passarinho que caía do ninho e Buscapé fazia questão de farejar. Não tinha jeito. Depois da correria

toda, feliz da vida, abanando o rabo, era como se ele dissesse: "Viram só que beleza?".

— Pelo amor de Deus, colabore, Buscapé! — gemia o dono. — É sua última chance.

Buscapé lambia a mão de Marcelo, indiferente ao problema.

Marcelo vinha lá do outro lado da cidade para treinar o cachorro. Comprara até um livro, desses que ensinam a treinar cães. Só que o aluno... era o Buscapé!

Claudinei também ajudava, pedindo:

— Vamos, amigo, agora, junto comigo.

— Assim, Buscapé! — animava o dono.

Buscapé coçava a orelha com a pata, deitava no chão e se fingia de morto. Tanta amolação... Por que não o deixavam como antes, dormindo ao sol?

— Levante, Buscapé! — gritava Marcelo.

Nessa hora passava uma borboleta voando baixo. E o Buscapé, muito mais interessado na borboleta que naquele treinamento bobo, saía atrás dela, latindo radiante.

— Buscapé, você está me saindo melhor que a encomenda! — ralhou Marcelo. — Olhe que eu dou você para o dono do circo!

Buscapé olhou para o menino com aqueles olhos doce-amarelados.

— Estou brincando, seu... acha que eu ia ter coragem?

Na vizinhança espalhou-se a notícia de que estavam treinando um cachorro na casa de Claudinei. A criançada veio em peso assistir ao treino, achando aquilo tudo a coisa mais legal do mundo.

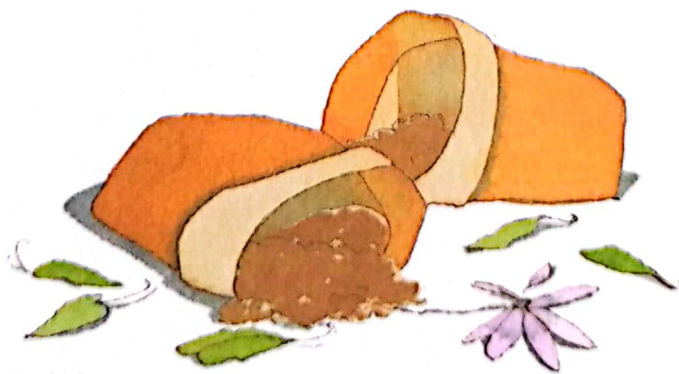
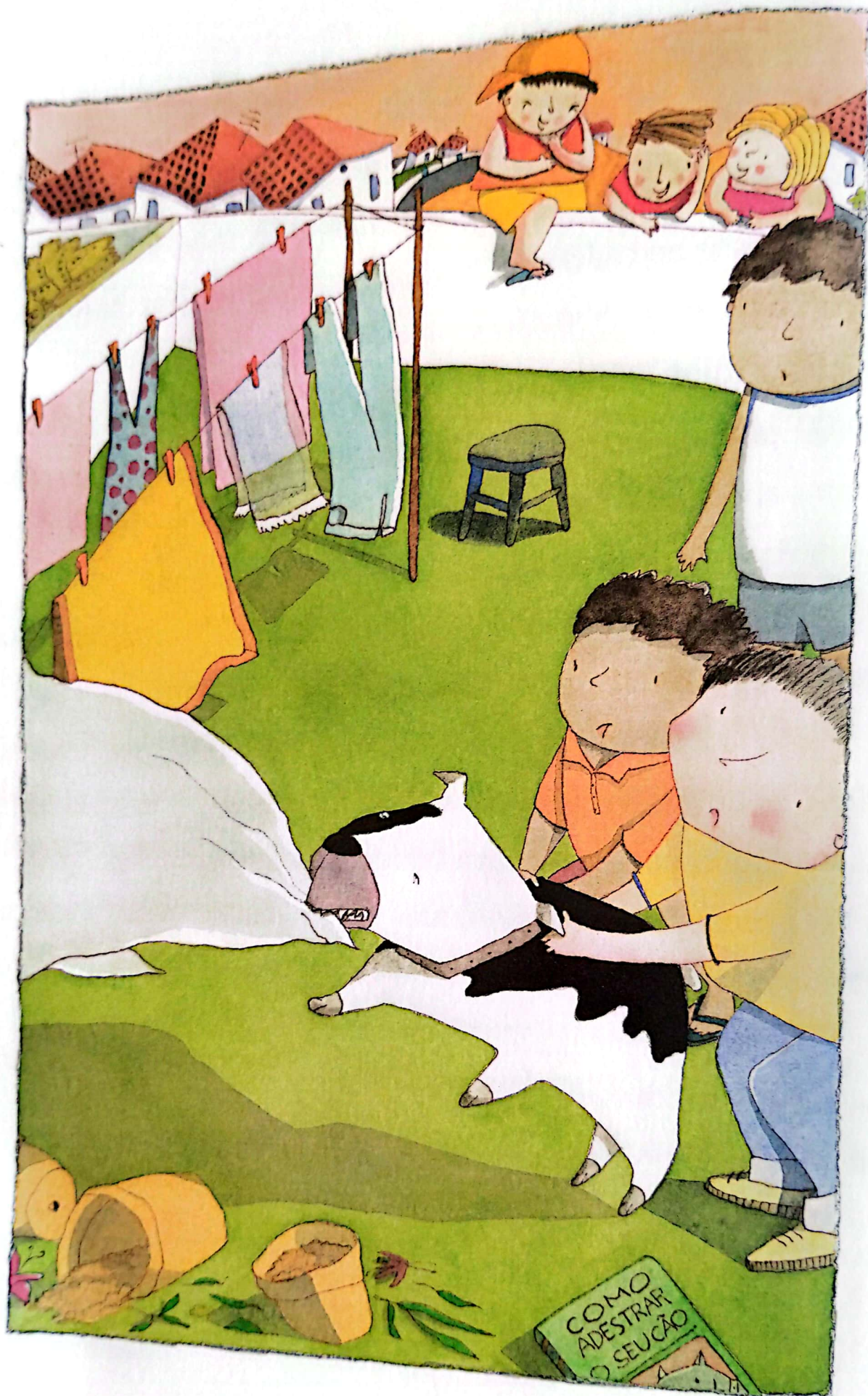
Foi aí que, tendo plateia, Buscapé resolveu dar o espetáculo completo. Escondia-se atrás das plantas. Fingia que ia morder as crianças, e era aquele berreiro. Então ele pegava fogo de vez e dava motivo de sobra para o nome: Buscapé.

— Pelo amor de Deus! — suplicava Helena. — Esse cachorro parece um terremoto. Ele vai acabar com a casa.

E lá ia Buscapé de vento em popa. Virava os vasos, puxava a roupa do varal como se fosse um filhote muito malcriado.

— Buscapé! — chamava Marcelo, espantado.

O cachorro era levado, mas ali parecia que estava com o diabo no corpo.

COMO
ADESTRAR
O SEU CÃO

— Assim não dá! — desabafou Vanderlei. — Vou pôr essa turma daqui para fora.

— Ficou orgulhoso, é? — reclamou João, o vizinho do lado. — Por que a gente não pode assistir ao treino dele?

— Estão atrapalhando — justificou o menino. — É coisa séria, não é palhaçada.

— Está chamando nós de palhaço, está? — bufou a Vera, briguenta como ela só.

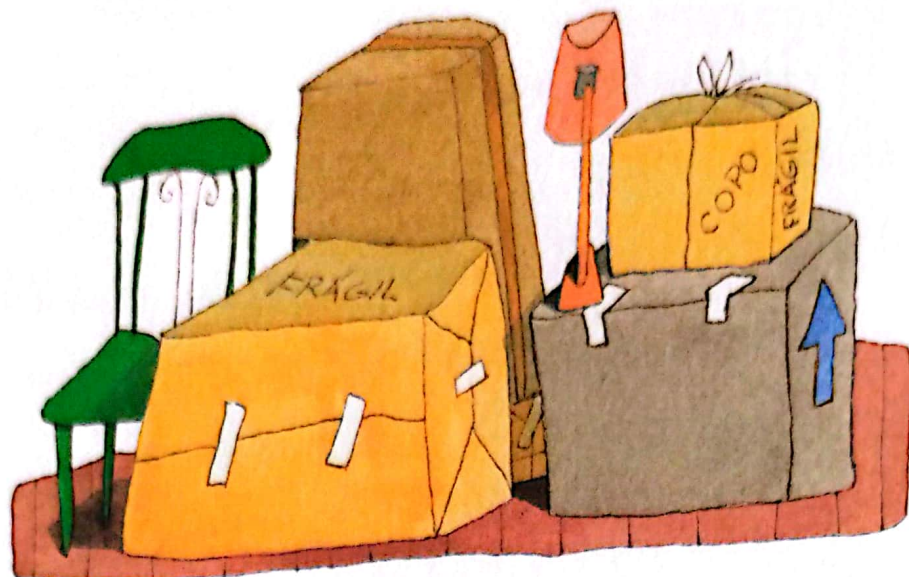
— Quer saber? Estou chamando, sim. Vão cuidar da vida. Ver televisão. Vocês não têm lição para fazer, não?

— Aqui é mais divertido — confessou Pedro. — A gente fica.

— O que vamos fazer? — perguntou Claudinei, chateado.

— Vamos treinar ele assim mesmo — disse Marcelo. — Ei! Turma, colabore. O Buscapé é muito aceso, não bota mais fogo nele.

Mas qual... Rir e coçar é só começar. Quem ia perder aquele espetáculo e ainda de graça? A criançada ria, e Buscapé se esbaldava. Marcelo, Claudinei e Vanderlei suavam em bicas.

Até que a turma cansou da brincadeira e eles ficaram em paz para tentar treinar Buscapé de verdade. Mas aí quem estava para lá de mal-acostumado era o cachorro. Afinal, depois de todo aquele público, o que esperavam dele?

Na casa de Marcelo começaram as arrumações para a mudança, Marta separando louças, livros, roupas, o que ia embora primeiro.

— Como vai indo o Buscapé? — perguntou Luís. — Deu certo o treinamento?

— Dá para espichar um pouco o prazo, pai? Está difícil de ele aprender.

— Nós temos de entregar a casa, filho. No máximo mais uma semana.

— Mas o Buscapé está na casa do Claudinei, não aqui.

— Eu sei, mas a responsabilidade é nossa. Uma semana, já disse.

O menino estava desconsolado.

Dias depois, os pais de Marcelo receberam um telefonema da diretora da escola, dona Ida, convidando-os a comparecer a

uma entrevista relacionada com o filho. Era muito importante, não faltassem.

Mesmo na confusão da mudança, Marta e Luís foram falar com a diretora.

— Queiram sentar, por favor. Estou muito preocupada com o Marcelo — disse dona Ida. — Foi sempre bom aluno, com problemas apenas em Matemática. Este mês, contudo, foi uma lástima.

— Ele me prometeu boas notas — reclamou o pai.

— Não é apenas uma questão de notas — continuou dona Ida. — O menino está diferente, não presta atenção às aulas, estava mesmo para chamá-lo quando, ontem, dona Fátima esclareceu-me o motivo de tudo.

— O Buscapé — disse Marta. — O Marcelo está treinando o cachorro para o Claudinei, mas dificilmente o Buscapé aprenderá, por causa da idade.

— Nós realmente precisamos mudar para o apartamento — interveio o pai do menino. — São ordens médicas. Marta está esgotada. Não sei o que fazer.

— Hoje mesmo, o Marcelo não veio à aula. Ficou doente?

Marta assustou-se:

— Como não veio? Ele saiu de casa, como sempre, para vir à escola.

— Não veio, não. Confirmei isso antes de recebê-los.

— Onde estará esse menino? — perguntou Luís, preocupado. — Será que vai cabular aula para ensinar o Buscapé também de manhã? Você sabe onde mora o Claudinei, Marta?

— Sei, mas nunca estive lá.

— Foi loucura permitir que o Marcelo saísse por aí. Ainda mais agora com esses sequestros-relâmpagos, quando o bandido fica circulando com a vítima dentro do carro até a família pagar o resgate — angustiou-se Luís.

— Calma — pediu a diretora. — Vou mandar chamar dona Fátima. Ela já esteve na casa do Claudinei.

Quando a diretora saiu, Luís desabafou:

— Vou ter uma conversinha com essa professora. Em todas as encrencas que o Marcelo apronta tem o dedo dela.

— Ela só está querendo ajudar — conciliou Marta. — Veja lá o que vai dizer.

— Aonde foi esse menino?

— Ele está desesperado, Luís.

— Puxa vida, é só um cachorro!

— Ele adora o Buscapé. Eu entendo o Marcelo.

Dona Ida voltou com a professora.

— O que aconteceu?

— O Marcelo sumiu — falou o pai, irritado.

— Mas ele me prometeu...

— Prometeu o quê? — quis saber a mãe, alarmada.

— Ele estava tão desconsolado que dava pena. Disse que ia fugir com o Buscapé.

— O quê?! — gritou Luís. — Fugir?

— Calma, seu Luís, ele me prometeu que não faria essa bobagem. Eu confio no Marcelo.

— Só que ele saiu de casa e não veio para a escola — continuou Luís. — A senhora tinha obrigação de nos ter avisado.

— É uma questão de confiança — disse a professora, muito séria. — Ele me fez uma promessa e eu acredito na palavra dele. Ele não fugiu, tenho certeza.

— Deus a ouça — replicou Marta. — O Claudinei não tem telefone, precisamos ir até lá.

— Pode ir também — disse dona Ida, dirigindo-se a Fátima. — Está dispensada das aulas.